



ACESSIBILIDADE PARA ALUNOS COM AUTISMO

Argemiro de Paula Garcia Filho & Mariene Martins Maciel¹

Os transtornos do espectro do autismo compreendem grandes distúrbios da comunicação e da socialização. Manifestam-se até os três anos de idade e ocorrem quatro vezes mais em meninos do que em meninas. Variam do mais severo ao mais leve comprometimento, o que pode confundir o diagnóstico, levando às vezes a um tratamento inadequado. Estudos nos Estados Unidos indicam que haveria até um indivíduo com autismo de algum grau para cada 88 pessoas.

Ser autista não é viver em “um mundo próprio” ou se isolar do convívio com as pessoas. Significa enfrentar problemas de comunicação que podem ir da impossibilidade de se expressar através de palavras até não conseguir acompanhar um diálogo, ainda que seja capaz de dissertar longamente sobre um mesmo assunto. Significa, também, encontrar dificuldades para se relacionar, que podem ir da incompreensão de regras sociais até ficar muito ansioso ao participar de um diálogo.

Pessoas autistas frequentemente têm problemas com a integração sensorial. Isto quer dizer que um sentido pode ficar hiper ou hipoexcitado; podem sentir sons, cores, odores ou outros estímulos sensoriais de maneira exagerada. Por exemplo, sussurros podem lhe parecer gritos. Do outro lado, as sensações podem ser embotadas, em particular a dor e o senso proprioceptivo (a percepção que temos de nosso próprio corpo); nestes casos, podem acontecer episódios de autoestimulação e mesmo de autolesão – é como sair do dentista com o rosto anestesiado e ficar beliscando-o para senti-lo.

A dificuldade que uma pessoa autista tem com o proprioceptivo pode fazer com que não perceba o próprio funcionamento fisiológico, não entendendo o desconforto causado pela fome ou pela necessidade de evacuar, causando cólicas ou falta de controle dos esfíncteres. A dificuldade em compreender regras sociais também pode levar a que evacue ou urine na roupa.

É frequente que pessoas autistas tenham dificuldade em acompanhar o discurso de outra. O aluno pode se fixar num aspecto da explanação do professor e perder boa parte do que foi dito. Isto acontece, em parte, porque pessoas autistas têm o raciocínio visual, através de imagens. Por exemplo, ela pode se fixar nas imagens de carrinhos se deslocando por uma estrada, em uma aula de Física, e não entenderá o significado da explicação do professor. Essa forma de raciocínio visual pode fazer com que uma memória seja muito viva, fazendo a pessoa autista rir de suas lembranças ou, mesmo, falar em voz alta o que está pensando. Autismo pode vir acompanhado de déficit de atenção, que também cria situações desse tipo.

Desconfortos como dor, náusea, cólica (intestinal ou menstrual), “gastura”, angústia, ansiedade, medo, taquicardia, alterações na pressão arterial, frio ou calor podem levar a

¹ Diretores da AFAGA – Associação de Familiares e Amigos da Gente Autista e da ABRAÇA – Associação BRasileira para AÇÃO por direitos das pessoas com Autismo

argemirogarcia@gmail.com

(71)8798-6975

mariene@lognet.com.br

(71)9956-1736



ASSOCIAÇÃO DE FAMILIARES E AMIGOS DA GENTE AUTISTA

comportamentos disruptivos, como gritos, movimentos repetitivos e comportamentos agressivos, tanto contra si próprias (autoagressividade) como contra outras pessoas (heteroagressividade). Limitações de comunicação, em particular para indivíduos autistas com bom desenvolvimento e compreensão, geram muita frustração e irritabilidade.

Muitas pessoas autistas raciocinam com linearidade e concretude, tendo dificuldade em entender metáforas. Seu discurso e compreensão são, em geral, “ao pé da letra”. Uma expressão como “pé de feijão” pode levar a uma compreensão literal e a criança pode se perder pensando como seria um feijão com pés. Uma expressão como “me dá uma mão” pode causar estranheza – ela pode imaginar que querem que ela corte o próprio braço para, literalmente, “dar sua mão”. Curiosamente, comparações lhes são mais fáceis de entender, porque estabelecem relações entre conhecimentos já sedimentados e as novas informações que lhes são apresentadas. Assim, dizer que um tigre é como um gato crescido, ou que um quadrado é como um retângulo com os quatro lados iguais, pode ajudar-lhes na compreensão.

De outro lado, esse raciocínio linear lhes facilita estabelecer certos tipos de associação concreta, fazendo com que seja comum que crianças autistas aprendem a ler simplesmente observando figuras com legendas.

É muito comum que pessoas autistas se sintam melhor com a comunicação visual do que com a comunicação verbal, em particular na infância. Nessa base, desenvolveu-se o sistema PECS (*Picture Exchange Communication System*), constituído de figuras do tamanho aproximado de cartas de um baralho, para que lhes seja possível expressarem-se. A música também é um elemento que serve a muitas pessoas autistas como forma de comunicação de sentimentos, desejos e necessidades – muitas delas criam um verdadeiro “repertório” de músicas que servem para uma comunicação básica. *Tablets*, *notebooks*, *smartphones* e outros dispositivos com *softwares* de simulação de voz podem servir na comunicação alternativa – a pessoa digita as palavras e o equipamento “fala”.

Os movimentos repetitivos, como balançar-se, pular, correr de um lado para o outro ou fazer movimentos giratórios, causam estímulos ao sistema vestibular (sentido do equilíbrio), o que as ajuda a se acalmarem. Podem cantar uma música ou reproduzir um diálogo de filme, que lhe servirá para se focalizar e acalmar. Em alguns casos, participar dessas “teatralizações” com elas pode ser positivo.

A fixação em comportamentos repetitivos e focalizados também se expressa no interesse por assuntos limitados, tendo pouca capacidade de conversação. Muitos podem falar por longo tempo sobre um único tema. Outra expressão dessa condição é que crianças autistas podem focar sua atenção em um ventilador, por exemplo – é comum que essas crianças se interessem por objetos que rodam, como moedas de garapa ou rodas de carrinhos.

Embora algumas pessoas autistas tenham alta capacidade de desenho, para a maioria a coordenação fina é pobre, fazendo com que tenham caligrafia infantilizada. O uso de normógrafos, *tablets*, computadores ou *smartphones* pode compensar essa dificuldade, até porque, nesses dispositivos, as letras “estão sempre no mesmo lugar”, como diz o pedagogo autista Stephen Shore.

Como têm uma forma própria de compreender e interagir com o mundo, pessoas autistas são pessoas muito interessantes para se conviver, apresentando um humor muito peculiar, surpreendendo com as habilidades que podem demonstrar. Superado o primeiro



ASSOCIAÇÃO DE FAMILIARES E AMIGOS DA GENTE AUTISTA

estranhamento com a diferença, o convívio com elas é uma experiência muito positiva e contribui para desenvolver uma nova e mais ampla compreensão do que é o ser humano.

PROPOSTAS

Assim, com base nesses princípios gerais, gostaríamos de fazer algumas propostas quanto à acessibilidade de alunos autistas:

- 1) É necessário, sempre, manter uma postura de empatia, compreendendo que todo comportamento tem uma causa, que deve ser identificada e, caso necessário, anulada; não existem comportamentos sem motivo – risadas, choro, agressividade ou autolesão sempre têm um motivo.
- 2) Pessoas autistas, em particular crianças, podem ter dificuldade em entender ou explicar o que sentem, ainda mais quando se trata de algum desconforto, como dor ou medo. Acolhê-las, afastar a causa do desconforto ou desviar seu foco para algo de que goste, como cantar uma música ou representar um diálogo ensaiado, são atitudes positivas a serem tomadas.
- 3) Como têm grande dificuldade para se expressar, pessoas autistas são fortes candidatas a se tornar vítimas de *bullying* e outros tipos de abuso. É preciso redobrar a atenção para essas situações.
- 4) Devido aos comportamentos autolesivos, pessoas autistas podem mostrar marcas e ferimentos por elas mesmas produzidos. Convém analisar seu comportamento, para verificar as verdadeiras causas dessas ocorrências.
- 5) É necessário diferenciar entre o comportamento prejudicial, lesivo ou danoso e o comportamento fora dos padrões, mas que não causa danos; o primeiro deve ser suprimido, com treinamento e paciência, enquanto o segundo pode ser aceito ou redirecionado para uma condição mais aceitável.
- 6) É importante que os ambientes frequentados por alunos autistas tenham redução de ruídos, como isolamento acústico, inclusive diminuição de ecos. Deve-se evitar colocá-los em salas próximas a situações ruidosas, como ruas e maquinários em funcionamento.
- 7) Ventiladores podem causar desatenção por causa do seu movimento circular repetitivo, ou desconforto pelo ruído. É conveniente evitá-los nas salas de aula frequentadas por autistas.
- 8) É importante que se evitem cores muito vibrantes na decoração das salas, reduzindo a quantidade de estímulos visuais ao necessário (diminuir a “poluição visual”), bem como evitar pinturas e superfícies muito brilhantes ou reflexivas.
- 9) Algumas pessoas autistas percebem e sentem-se mal com a intermitência das lâmpadas fluorescentes, que oscilam na frequência da rede elétrica, como um estroboscópio. Se for identificado esse problema, pode ser preciso substituir as lâmpadas por incandescentes – o que se torna cada vez mais difícil, pois estão deixando de ser fabricadas. Uma alternativa é um processo de dessensibilização, ou dar-lhes tempo para desestressar.
- 10) Estímulos olfativos, como o cheiro de tinta ou solventes, podem ser muito desagradáveis, causando-lhes náusea, irritação e agressividade. A engenheira autista Temple Grandin relatou o caso de um garoto que vomitava ao entrar no ginásio de sua escola, um mês depois deste passar por uma pintura.



ASSOCIAÇÃO DE FAMILIARES E AMIGOS DA GENTE AUTISTA

- 11) O contato físico é desagradável para muitas pessoas autistas, ainda que desejem socializar-se; é sempre recomendável pedir esse contato, em particular abraços, em vez de tocá-las sem aviso. Pessoas autistas capazes de se comunicar explicam que um toque pode ser doloroso.
- 12) Pessoas autistas podem ter hipersensibilidade no paladar, também. Com isso, a textura dos alimentos pode ser desagradável, fazendo com que se recusem a comê-los ou engoli-los. Nesses casos, pode-se ensiná-las a serem discretas na hora de descartar a comida mastigada, usando um guardanapo para fazê-lo.
- 13) Como podem ter dificuldade em controlar os esfíncteres (evacuação e micção), convém dedicar mais tempo ao seu treinamento, para preservar a imagem e a dignidade do aluno frente aos colegas.
- 14) Como movimentos giratórios ajudam a estimular o sistema vestibular, convém dispor de equipamentos como balanços, gangorras e gira-giras na escola e permitir o acesso e uso aos alunos autistas. Eventualmente, uma cadeira de balanço ou giratória dentro da sala de aula pode ser um auxiliar importante.
- 15) Ter cadernos adaptados, como linhas mais afastadas, para facilitar a redação, devido aos problemas de coordenação motora.
- 16) Permitir que usem equipamentos e dispositivos de apoio à escrita, como normógrafos, *tablets* e *notebooks*, também devido aos problemas de coordenação motora.
- 17) Usar figuras e símbolos visuais para ilustrar as explicações verbais.
- 18) Sinalizar com símbolos padronizados locais como salas de aula, sanitários, cantinas e demais lugares da escola, legendando com a palavra correspondente, para facilitar-lhes a aquisição da leitura.
- 19) Ter um olhar diferenciado na correção das avaliações. Se necessário, dar-lhes mais tempo para realizar tarefas.
- 20) Garantir o direito à terminalidade específica, porém lhes garantindo o direito de tentar aprender, por meios diversos, o conhecimento apresentado.
- 21) Preparar todos os profissionais que trabalham na escola, para entender as especificidades dos alunos autistas, facilitando sua inclusão nesse meio social e dando apoio à sua interação com os seus colegas.
- 22) Preparar os demais alunos para agir positivamente na inclusão dos alunos autistas.

Salvador, 2008 – revisto em agosto de 2013.

Argemiro de Paula Garcia Filho
Mariene Martins Maciel